

O ENSINO DA HISTÓRIA E O TRABALHO: APROXIMAÇÕES
POSSÍVEIS¹
THE TEACHING OF HISTORY AND WORK: POSSIBLE
APPROACHES

Cauê Lima Canabarro*

Caroline Terra Oliveira*

Maria de Fátima Santos da Silva*

RESUMO

Este artigo pretende discutir a importância do trabalho na constituição e no desenvolvimento do homem e da sociedade bem como essa categoria se apresenta no ensino da história. Compreendendo o trabalho, como a mediação pela qual o homem cria os elementos necessários para a sua existência, apropriando-se e transformando a natureza e ao mesmo tempo sendo transformado por esse processo, como o elemento fundante da própria sociedade humana e constituinte do próprio ser humano. Assim sendo entendemos que o trabalho deve ter um papel destacado nas formas didáticas de ensino da história, compreendido como o elemento central na explicação da formação e do desenvolvimento da sociedade humana.

PALAVRAS – CHAVE: Trabalho; Marxismo; História

ABSTRACT

This paper is intended to discuss the importance of work in the constitution and the development of man and society, as well as how this category is presented in the teaching of history. Understanding labor as the mediation through which man creates

*Graduando em História Bacharelado pela Fundação Universidade Federal do Rio Grande

*Licenciada em História Fundação Universidade Federal do Rio Grande;

*Mestre em Educação Ambiental e Professora do Departamento de Educação da Fundação Universidade Federal do Rio Grande.

O presente trabalho é parte das atividades desenvolvidas no Projeto “Um outro olhar é possível. Discutindo a Educação Ambiental e a Cidadania nos cursos de pré-vestibular gratuitos na cidade do Rio Grande” sob orientação da Prof. Maria de Fátima Santos da Silva.

the necessary elements for his existence, appropriating and transforming nature and at the same time being transformed by this process, as the base element of the own human society and constituent of the own human being. Therefore, we understand that labor must be highlighted in educational methods of history teaching, understood as the central element on explanation of training and human society development.

KEYWORDS: Labor; Marxism; History

O presente trabalho parte de premissas formuladas por Marx e Engels no processo de elaboração de sua teoria acerca da história. Processo pelo qual realizam um corte epistemológico, submetendo a uma profunda crítica todo o pensamento filosófico anterior e o seu próprio pensamento, para chegarem a um ponto de partida novo, sobre o qual iriam desenvolver toda sua concepção da história, a sua forma de perceber a realidade e a constituição da própria sociedade e dos indivíduos.

Não nos interessa no momento analisar detalhadamente as formas de evolução do trabalho, bem como as decorrências dela, o que está bastante aprofundado nos trabalhos de Marx e Engels, e não caberia no espaço deste artigo. Por isso nos contentamos em apresentar algumas considerações sobre como o trabalho desempenha um papel fundamental na compreensão do processo histórico desde sua gênese.

Marx e Engels rompem com o que chamaram de idealismo, concepção pela qual o ponto de partida de toda a história seriam as idéias ou os conceitos. Para eles o principal representante desse pensamento idealista seria Hegel, segundo o qual o auto desenvolvimento dos conceitos é o que determina o devir histórico. Ao romperem com essa concepção formulam o Materialismo Histórico, como um método científico de análise da história, partindo não mais das idéias, mas da realidade concreta.

As premissas que partimos não são bases arbitrárias, dogmas; são bases reais que só podemos abstrair na imaginação. São indivíduos reais, sua ação e suas condições materiais de existência, tanto as que eles já encontraram prontas, como aquelas engendradas de sua própria ação. Essas bases são pois verificáveis por via puramente empírica. (MARX & ENGELS, 1998, 10)

A premissa de toda história dos homens é o fato da existência destes enquanto seres vivos reais, nesta premissa funda-se o materialismo histórico. Assim procuraram investigar quais as reais condições de existência da humanidade, para poderem explicar a realidade.

A primeira condição de toda a história humana é, naturalmente a existência de seres humanos vivos. A primeira situação a constatar é, portanto, a constituição corporal desses indivíduos e as relações que ela gera entre eles e o restante da natureza. Não podemos fazer aqui um estudo mais profundo da própria constituição física do homem, nem das condições naturais, que os homens encontraram já prontas, condições geológicas, orográficas, hidrográficas, climáticas e outras. Toda historiografia deve partir dessas bases naturais e de sua transformação pela ação dos homens, no curso da história. (Ibdem)

A citação acima demarca umas das principais características do materialismo histórico, as relações entre o homem e a natureza, e a ênfase de que essas relações são históricas, mutáveis, assim demarcam também a necessidade de compreender a natureza como um fator histórico. E todo o devir da humanidade deve ser medido pela relação dos homens com o seu meio, e assim compreender o indivíduo dentro de suas condições reais.

Para poder compreender a história Marx e Engels precisavam descobrir qual a essência do homem, o que o tornava um ser, distinto dos demais. É dentro desta investigação que vai apresentar-se uma das categorias mais importantes do materialismo histórico, sobre a qual Marx e Engels desenvolveriam todo o seu conceito de homem e de sociedade, qual seja, o trabalho.

Segundo eles o homem se distingue dos demais animais fundamentalmente pelo fato de produzirem os seus próprios meios de existência:

Pode-se distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião e por tudo o que se queira. Mas eles próprios começam a se distinguir dos animais logo que começam a produzir seus meios de existência, e esse passo à frente é a própria consequência de sua organização corporal. Ao

produzirem seus meios de existência, os homens produzem indiretamente sua vida material. (Ibdem, 10-11)

A forma como os homens produzem seus meios não é de maneira alguma arbitrária, esta em relação direta com as condições naturais encontradas, como Marx já assinalou acima, dependem “antes de mais nada, da natureza dos meios de existência já encontrados e que eles precisam reproduzir...” (ibdem, 11). A forma como eles produzem, representa já um determinado nível de atividade dos indivíduos, uma maneira de representar sua existência:

A maneira como os indivíduos manifestam sua vida reflete exatamente o que eles são. O que eles são coincide, pois, com sua produção, isto é, tanto com o que eles produzem quanto com a maneira como produzem. O que os indivíduos são depende, portanto, das condições materiais de sua produção. (Ibdem, 11)

O trabalho para Marx e Engels era a forma de mediação entre o homem e a natureza, forma através da qual o homem relaciona-se com a natureza e interage com ela no sentido de constituir a sua própria condição de existência. O trabalho é a mediação necessária para o homem se constituir enquanto tal. É a através do trabalho que o homem se constitui enquanto ser social relaciona-se com os outros homens. Como afirma Marx em *O Capital*:

Como criador de valores de uso, como trabalho útil, é o trabalho, por isso, uma condição de existência do homem, independentemente de todas as formas de sociedade, eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre homem e natureza e, portanto, vida humana. (MARX, 1985, 50)

O trabalho pode ser assim compreendido como o elemento fundante da própria vida humana, o momento em que os homens tornam-se seres humanos. Além disso, é através do trabalho que os homens ao mesmo tempo transformam a natureza, seu próprio meio, e também transformam a si mesmos.

Antes de tudo, o trabalho é um processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem, por usa própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria

natural como um força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida. Ao atual, por meio desse movimento, sobre a natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências nela adormecidas e sujeita o jogo de suas forças a seu próprio domínio. (ANTUNES, 2004, 36)

Percebemos nas afirmações acima que o papel do trabalho na constituição do homem, pois para Marx e Engels o indivíduo constitui a sua identidade através do trabalho, é através dele que os indivíduos estabelecem suas diferenças perante os outros. Além disso, para eles é através do trabalho que os indivíduos também constituem a sociedade e simultaneamente constroem a história. Para o materialismo histórico o surgimento da história ocorre quanto os homens começam a produzir seus meios de existência, entretanto quais as formas básicas de existência do homem? Para Marx e Engels, a primeira necessidade humana seria manter-se vivo, para isso necessitaria primeiro alimentar-se, vestir-se, morar e outras. Para eles o primeiro fato histórico seria a produção dos meios necessários para satisfazer essas necessidades primeiras, “... e isso mesmo constitui um fato histórico, uma condição fundamental de toda história que se deve (...) preencher dia a dia, hora a hora, simplesmente para manter os homens com vida”.(MARX & ENGELS, 1998, 21)

Dessa afirmação podemos inferir que para Marx e Engels a história surge da necessidade dos homens em produzir seus meios de vida, esses meios de são adquiridos através do trabalho, como todo o trabalho é social, podemos afirmar que o trabalho funda ao mesmo tempo o homem, a história e também a sociedade, pois se as relações sociais do homem se dão pela necessidade do trabalho então a sociedade surge nesse momento. O primeiro ato que distingue o homem dos demais animais é o seu trabalho, sua forma de apropriar-se da natureza e dominá-la em proveito próprio. Para fazer isso o homem precisou associar-se a outros, aí funda-se a própria sociedade. Então podemos afirmar que através do trabalho o homem cria ao mesmo tempo a humanidade e a sociedade.

As relações sociais decorrentes desse processo, bem como os avanços pelos quais os homens realizam seu trabalho, segundo Marx e Engels, serão as bases sobre as quais irão desenvolver-se todas as estruturas sociais e políticas.

Eis, portanto, os fatos: indivíduos determinados com atividade produtiva segundo um modo determinado entram em relações sociais e políticas determinadas. Em cada caso isolado, a observação empírica deve mostrar nos fatos, e sem nenhuma especulação nem mistificação, a ligação entre a estrutura social e política e a produção. A estrutura social e o Estado nascem continuamente do processo vital de indivíduos determinados; mas desses indivíduos não tais como aparecem nas representações que fazem de si mesmos ou nas representações que os outros fazem deles, mas na sua existência real, isto é, tais como trabalham e produzem materialmente; portanto, do modo como atuam em bases, condições e limites materiais determinados e independentes de sua vontade. (Ibdem, 18)

Marx e Engels ao chegarem a essa formulação invertem toda a forma de pensamento que os antecedeu, virando o que chamaram de ideologia de pernas para o ar, partindo do real, concreto, para as idéias e não o contrário.

Ao contrário da filosofia alemã, que desce do céu para a terra, aqui é da terra que se sobe ao céu. Em outras palavras, não partimos do que os homens dizem, imaginam e representam, tampouco do que eles são nas palavras, no pensamento, na imaginação e na representação dos outros, para depois chegar aos homens de carne e osso; mas partimos dos homens em sua atividade real, é a partir de seu processo de vida real que representamos também o desenvolvimento dos reflexos e das repercussões ideológicas desse processo vital (...). Assim a moral, a religião, a metafísica e todo o restante da ideologia, bem como as formas de consciência a elas correspondentes, perdem logo toda a aparência de autonomia. Não têm história, não têm desenvolvimento; ao contrário, são os homens que, desenvolvendo sua produção material e suas relações materiais, transformam, com a realidade que lhes é própria, seu pensamento e também os produtos de seu pensamento. Não é a consciência que determina a vida, mas sim a vida que determina a consciência. (Ibdem, 19-20)

Insistimos em destacar várias passagens, algumas extensas da obra *A Ideologia Alemã* de Marx e Engels por entendermos fundamental para compreensão do

materialismo histórico e por ser esta obra a síntese das formulações acerca do método. Além do mais as palavras dos próprios autores já são esclarecedoras o suficiente para que pretendêssemos substituí-las por qualquer interpretação que seja.

Ainda para reforçar a idéia de que o trabalho é a mediação pela qual o homem produz a sua vida material, bem como é partir dessa mediação que devemos compreender todo o desenvolvimento histórico, partindo das condições dadas em cada determinado período de tempo, levando em conta o estágio de desenvolvimento das forças produtivas, categoria correspondente aos avanços das formas como o homem produz seus meios de existência, as técnicas que utiliza para produzir seus valores de uso, força pela qual transforma e se apropria da natureza, e quais as relações do desenvolvimento de suas forças produtivas com a sua própria organização social, cabe aqui citar um trecho de Marx no *Prefácio à Crítica da Economia Política*:

A conclusão geral a que cheguei e que um, uma vez adquirida, serviu de fio condutor dos meus estudos, pode formular-se resumidamente assim: na produção social da sua existência, os homens estabelecem relações determinadas, necessárias, independentes da sua vontade, relações de produção que correspondem a um determinado grau de desenvolvimento das forças produtivas materiais. O conjunto destas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base concreta sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e a qual correspondem determinadas formas de consciência social. (FERNANDES, 1989, 232)

Destaquemos ainda que as forças produtivas inerentes a os diferentes estágios do desenvolvimento humano são produto da ação dos homens ao longo de sua existência, o acúmulo de experiências leva os homens a criar cada vez novas técnicas de trabalho. Essas técnicas são legadas pelos homens, uns aos outros, geração para geração. Os homens não agem arbitrariamente sobre as suas forças produtivas, eles partem de condições históricas determinadas, essas forças produtivas são produto de trabalho de toda uma geração prévia. Assim devemos entender as forma de trabalho dentro de sua historicidade.

Ainda para esclarecer melhor a relação entre o homem e o trabalho destacamos um trabalho de Engels onde ele analisa o papel do trabalho na constituição do homem,

esse trabalho chama-se *Sobre o Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem*. Nesse texto Engels demonstra como as formulações já contidas nos escritos de juventude dele e de Marx, sobre o papel do trabalho podem chegar a demonstrar como o homem se constitui fisicamente como ser humano.

O trabalho é a fonte de toda riqueza, afirmam os economistas. Assim é, com efeito, ao lado da natureza, encarregada de fornecer os materiais que ele converte em riqueza. O trabalho, porém, é muitíssimo mais do que isso. É a condição básica e fundamental de toda a vida humana. Em tal grau que, até certo ponto, podemos afirmar que o trabalho criou o próprio homem.
(ANTUNES, 2004,13)

Engels nesse texto demonstra como ao longo do tempo os homens ao desenvolverem suas formas de trabalho foram mudando sua constituição física, que ao passo que os homens foram criando necessidades de execução de determinadas funções, foram também alterando sua conformação, adaptando-se fisicamente às novas necessidades. Essas necessidades podem ser medidas pelo grau de evolução do trabalho e como quanto mais o homem aprimora o seu trabalho, esse tem um duplo sentido, transforma a natureza e transforma o próprio homem, tem um sentido dialético.

Vemos pois, que a mão não é apenas o órgão do trabalho; é também produto dele. Unicamente pelo trabalho, pela adaptação a novas e novas funções, pela transmissão hereditária do aperfeiçoamento especial assim adquirido pelos músculos e ligamento e , um período mais amplo, também pelos ossos; unicamente pela aplicação sempre renovada dessas habilidades transmitidas a funções novas e cada vez mais complexas foi que a mão do homem atingiu esse grau de perfeição que pôde dar vida, como por artes de magia, aos quadros de Rafael, às estátuas de Thorwaldsen e à música de Paganini.
(ANTUNES, 2004, 16)

Podemos perceber o alcance das concepções do materialismo histórico, bem como a solidez de seus argumentos. Fizemos essa exposição para apresentar, em linhas muito gerais, algumas concepções do materialismo histórico focando nossa apresentação na questão do trabalho como elemento fundante da própria sociedade e constituinte do próprio homem. Entendo o trabalho como uma categoria histórica, por isso permanentemente em processo, passível de ser modificada.

A partir do exposto acima gostaríamos de frisar a necessidade de abordagem desse tema no processo de ensino/aprendizado de História. Entendemos que a forma como são apresentados os conteúdos históricos privilegia uma abordagem do papel dos fatos político- institucionais, os quais constituem-se no principal fator explicativo dos acontecimentos históricos. E os fatos econômicos, culturais, religiosos, etc, isolados, como categorias estanques, sem uma ligação, um nexos. Entendemos que nesse processo é inerente uma concepção de história ligada a uma tradição burguesa, de exaltação dos fatos políticos. (CABRINI; CIAMPI; VIEIRA; PEIXOTO & BORGES, 1987,25)

Esse modelo de ensino de história deixa de lado a questão das relações dos homens na sua base real, na forma como se relacionam concretamente, através do trabalho. Por isso queremos propor uma problematização desse tema. Obviamente sem ter a pretensão de conter aqui alguma fórmula pronta. Ou mesmo que as abordagens de Marx e Engels tragam alguma resposta acabada e que toda a história deve reduzir-se a sua relação com o trabalho humano, desconsiderando as questões culturais, políticas, etc. Porém o que estamos propondo é que se possa pensar as diversas relações entre as categorias históricas, e mais, procurar apresentar essas categorias, por serem históricas, como sendo transitórias, entendê-las dentro de sua especificidade, mas também na sua historicidade, e por tanto na sua permanente relação com o mundo que faz parte. Nesse sentido nossa abordagem tem por finalidade causar alguma inquietação naqueles que como nós se propõe a produção de uma história crítica, pensar a própria produção historiográfica como um processo de trabalho, e por tanto com uma produção relacionada com todas as contradições inerentes a esse mundo.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo (Org.). *A Dialética do Trabalho. Escritos de Marx e Engels*. São Paulo: Expressão Popular. 2004, 1ª.

CABRINE, Conceição; CIAMPI, Helenice; VIEIRA, M. do Pilar; PEIXOTO, M. do Rosário; BORGES, Vavy Pacheco. *O Ensino de História*. São Paulo: Brasiliense. 1987, 3ª.

FERNANDES, Florestan (Org.) *K. Marx e F, Engels. Coleção os Grandes Cientistas Sociais. História*. São Paulo: Ática. 1989, 3ª

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Martins Fontes. 1998,

2ª.

MARX, Karl. *O Capital. Crítica da Economia Política. Livro I, O Processo de Produção do Capital V.II*. São Paulo: Difel. 1985, 10ª.

